

EXPOSIÇÃO THEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO:

115 anos

EM 15 OBJETOS

CEDOC

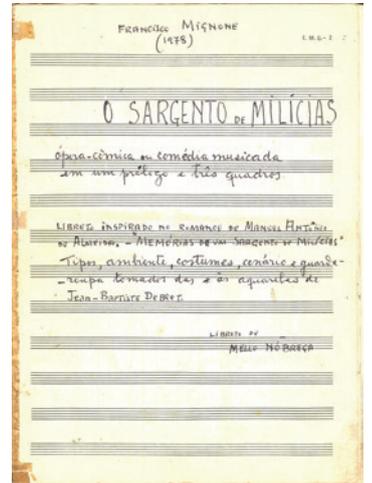
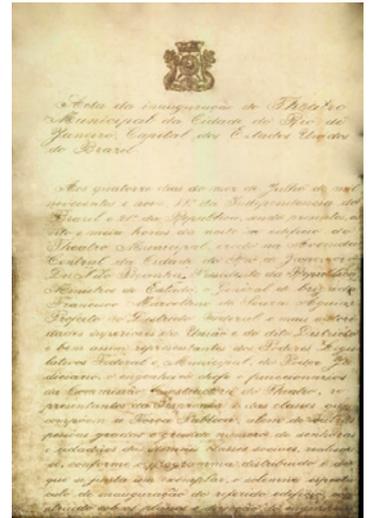
Centro de documentação do
Theatro Municipal do Rio de Janeiro



...em 115 anos, esse Theatro já teve de quase tudo!

14 de Julho de 1909, uma data que carrega uma história repleta de trajetórias para o Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Em seus 115 anos de existência, cada espacinho foi preenchido, tocado ou apreciado por algo ou alguém. Seja por um funcionário, artista ou espectador, muitas gerações passaram por aqui e deixaram vivências, afetos e história. Da história, ficam as memórias para contá-las, e essa é a proposta da nossa mostra “115 anos em 15 objetos”: quinze objetos emblemáticos para representar o ontem e o hoje do TMRJ, seja numa batuta que regeu um concerto, em um pincel que pintou musas dançantes, em um vestido que coloriu o canto ou em uma sapatilha que pontilhou o palco.

O Theatro nasceu na *Belle Époque*, viveu bailes de carnaval, recebeu visitantes do mundo todo e artistas de diversos campos artísticos. Já serviu cafés, drinks e jantares, já teve museu, já foi reformado, restaurado e repensado. Já fez chorar e sorrir, se apaixonar e desapaixonar: há os que sempre voltam e os que nunca mais voltaram. Nos palcos, podemos embarcar em diversas épocas, ritmos e culturas. E, falando em embarcar, queremos que você embarque nessa viagem à memória, nas histórias narradas pelos próprios objetos que inspiram, emocionam e encantam gerações passadas e presentes.



Ter 115 anos e carregar tanta história não deve ser tarefa fácil...

Com mais de 70 mil peças, o nosso Centro de Documentação representa hoje um dos mais importantes e significativos acervos de arte cênica do Brasil. Com a missão de preservar, pesquisar e comunicar a memória do TMRJ, temos uma grande diversidade de itens: plantas arquitetônicas originais da construção, figurinos, fotografias, louças, programas de espetáculo - de 1909 aos dias atuais -, esculturas, desenhos, quadros e outros objetos que compõem as temáticas da nossa instituição.

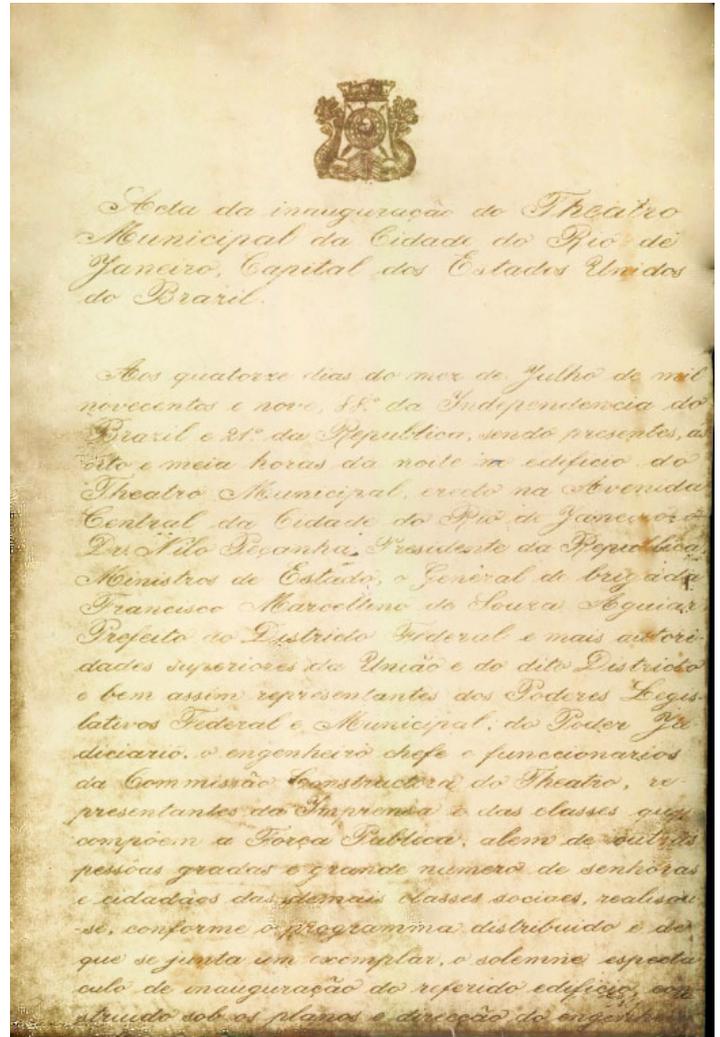
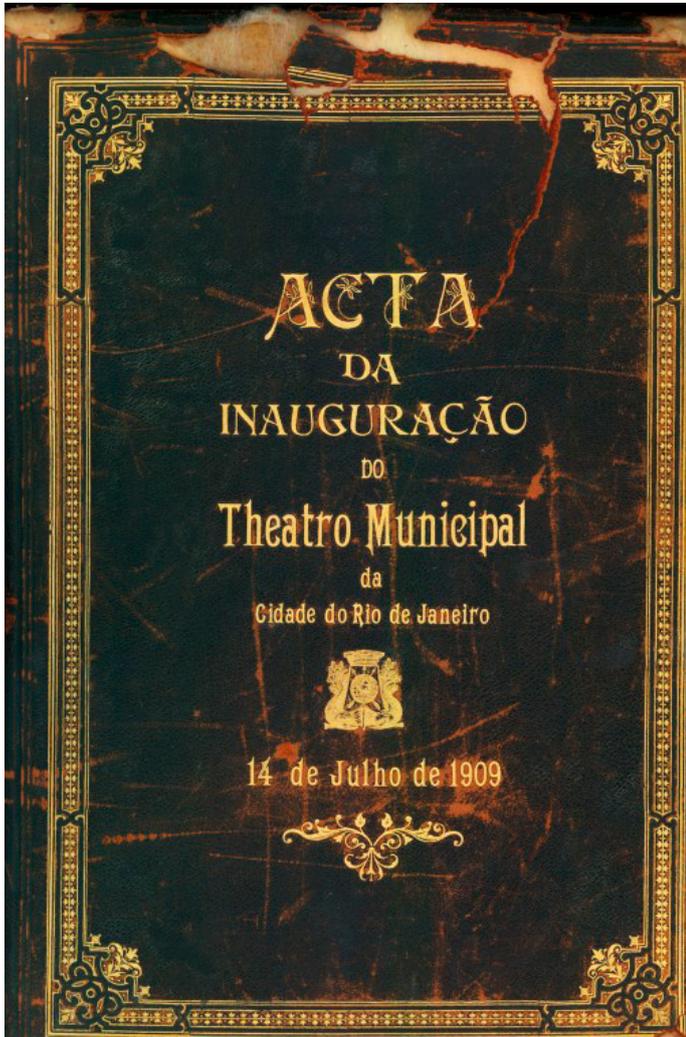
De grande importância para a preservação do patrimônio cultural e artístico, nosso acervo advém do antigo Museu dos Teatros, criado em 1950 no Salão Assyrio. Contou com milhares de doações que favoreceram a ampliação do acervo. Em 1976, o Museu dos Teatros foi transferido para Botafogo e, em 2013, o acervo retorna ao TMRJ, onde é gerido por uma equipe de museólogas.



ANTIGO MUSEU DOS TEATROS. VISÃO DO SALÃO ASSYRIO, DÉCADA DE 1950. (ACERVO CEDOC)

Na exposição "Theatro Municipal do Rio de Janeiro: 115 anos em 15 objetos", o CEDOC do TMRJ se propõe a apresentar 15 objetos destaques de sua coleção, trazendo ao público preciosas informações sobre as personalidades, datas e eventos ligados a cada um deles. São objetos testemunhas que, através de uma narrativa livre, evocam acontecimentos e personalidades ligados à uma história de 115 anos!

Ata de Inauguração do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, 1909



PAPEL; COURO; DOURAÇÃO; TINTA FERROGÁLICA
36,5 x 25,2 x 0,5 CM (FECHADO)
ACERVO CEDOC/FTMRJ

“.. Aos quatorze dias do mez de julho de mil novecentos e nove, às oito e meia da noite no edifício do Theatro Municipal, (...) erecto na Avenida Central da cidade do Rio de Janeiro...”

Trecho da Ata de Inauguração do TMRJ, 14 de julho de 1909.

A primeira página da ata de inauguração do Theatro Municipal, manuscrita em tinta ferrogálica, conta com data, local e hora da inauguração, bem como governantes e autoridades presentes. Entre os presentes estavam o Presidente da República, Dr. Nilo Peçanha; o engenheiro responsável pela construção do TMRJ, Francisco de Oliveira Passos e seu pai, o Prefeito da cidade do Rio de Janeiro, Francisco Pereira Passos. Também estavam presentes representantes da imprensa, da Comissão Construtora do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e outros cidadãos cariocas.



SALA DE ESPETÁCULOS NA DATA DE INAUGURAÇÃO DO THEATRO MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO, EM 14 DE JULHO DE 1909.
(ACERVO CEDOC)

O douramento da ata reflete a grandiosidade e esplendor do grande evento. A primeira abertura de portas do TMRJ marcou a conclusão de uma monumental obra arquitetônica e o início de uma promessa de compromisso com a vida cultural do Rio de Janeiro, encapsulando os ideais da sociedade progressista e sofisticada da belle époque brasileira.

Batuta - Delgado de Carvalho, século XIX-XX



MADEIRA; METAL
40 CM
ACERVO CEDOC/FTMRJ

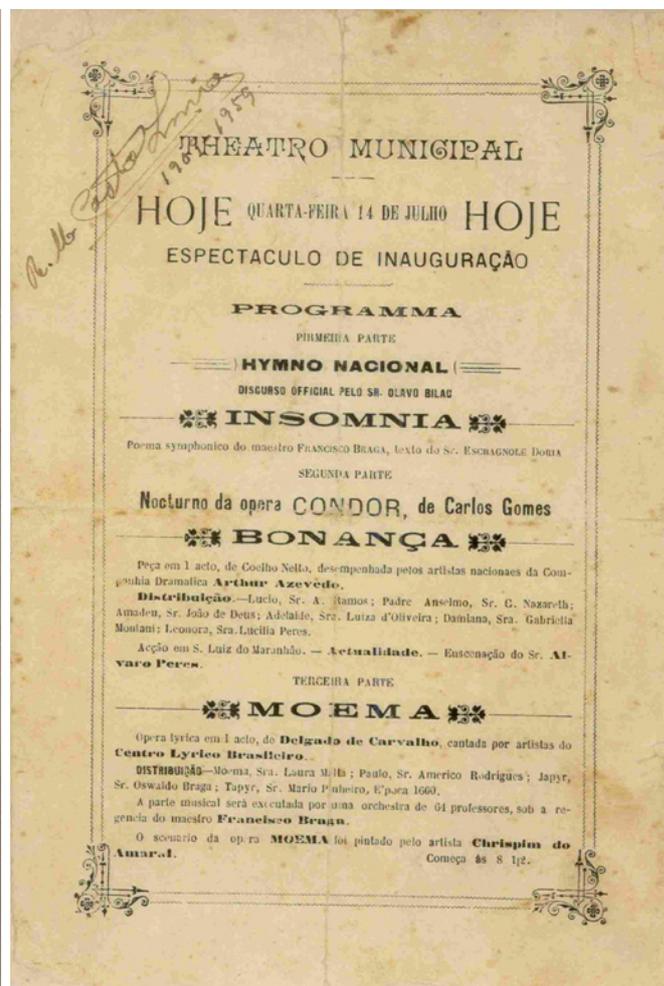
**“... Porém o tigre, por cruel que brame,
Acha forças amor que enfim o domem ...”**

Trecho do Canto V, "Caramuru", Frei Santa Rita Durão, 1781.

Aqui temos a ferramenta essencial na condução de uma orquestra, a batuta. Essa, em especial, de Delgado de Carvalho, representa o legado de um dos maestros mais renomados do Brasil no século XIX-XX. Delgado de Carvalho foi autor de “Moema”, primeira ópera apresentada na história do Theatro Municipal.

“Moema”, criada em 1894, foi baseada no libreto de Assis Pacheco, que já havia escrito sua própria música para o texto em 1891. O libreto foi inspirado no poema épico arcadista, do Frei Santa Rita Durão. A história gira em torno de uma jovem indígena, Moema, apaixonada pelo português “Caramuru”, que participava da captura de sua tribo.

A ópera, assim como o famoso quadro a óleo de Victor Meirelles, presente na coleção do Museu de Arte de São Paulo, dá enfoque a quem viria a se tornar a personagem homônima da obra.



I - FOTOGRAFIA DE DELGADO DE CARVALHO, c. 1900.
(ACERVO CEDOC)

II - PROGRAMA DE INAUGURAÇÃO DO TMRJ, 14 DE JULHO
DE 1909. (ACERVO CEDOC)

Sapatilha - Maria Olenewa, 1935



CETIM; TECIDO; COURO; COLA
21,5 x 6,5 CM
ACERVO CEDOC/FTMRJ

“... Olenewa dançou com tanta vida, expressão e sentimento o bailado dos sete véus que, ao terminar, qualquer espectador lhe daria, como Herodes, talvez mesmo sem resistência deste, a cabeça de São João Batista ...”

Rio-Jornal, 12 de dezembro de 1923, sobre a performance de Maria Olenewa como Salomé, de Richard Strauss. O próprio Strauss viria a se surpreender com o desempenho da bailarina e presenteá-la com uma de suas partituras autografadas.

Maria Olenewa, considerada sacerdotisa do ritmo, nasceu em Moscou em 18 de março de 1896. Ainda muito jovem, inicia seus estudos no balé na Academia de Danças Nelidowa.

Fugindo da Revolução Russa, Olenewa foi com sua família morar em Paris, onde passou a integrar a companhia de ópera e balé de Maria Kousnezzoff. Na cidade luz, chamou a atenção de Anna Pavlova, que, encantada com seu desempenho, a selecionou em meio a mais de 1000 candidatas, a primeira-bailarina de sua cia, que excursionou por toda América do Sul durante a década de 1920, quando conheceu o Theatro Municipal do Rio de Janeiro. A partir de então, Olenewa viria a se estabelecer como a primeira bailarina absoluta de consecutivas temporadas líricas do TMRJ.

Em 1927, Olenewa e Mário Nunes obtiveram suporte para estabelecer a Escola de Danças Clássicas no Theatro Municipal do Rio de Janeiro. A intenção era preparar um grupo de dançarinos para participar das temporadas da própria casa. A escola continua operante até hoje e, em 1982, foi rebatizada como Escola Estadual de Dança Maria Olenewa, em homenagem à sua fundadora.



I - MARIA OLENEWA CARACTERIZADA PARA LES SYLPHIDES, FOTOGRAFIA DE JERRY, RIO DE JANEIRO, 1927. (ACERVO CEDOC)
II - FOTOGRAFIA COM DEDICATÓRIA AO MUSEU DOS TEATROS, PARABENIZANDO A INICIATIVA, UM ANO APÓS SUA CRIAÇÃO, EM 1952. (ACERVO CEDOC)

Sapatilha - Ana Botafogo, 2001



“No palco eu sempre tive grandes alegrias. As minhas memórias do palco são: dever cumprido e sobretudo quando eu tinha o reconhecimento do público, que eram os aplausos. Do que que o artista mais gosta? Dos aplausos!”

Fala de Ana Botafogo em entrevista concedida ao SESC Santa Catarina, 2018

CETIM; TECIDO; COURO; COLA

20 x 8 CM

ACERVO CEDOC/FTMRJ

Ana Botafogo é uma bailarina carioca da gema, nascida em 1957. Considerada uma grande representação da dança clássica brasileira, Ana dedica-se à música e, posteriormente, à dança, logo na infância. Iniciou sua carreira como bailarina profissional na França, no Ballet de Marseille, com Roland Petit, e posteriormente dançando e encantando os outros cantos da Europa.

Algum tempo depois, tornou-se bailarina principal do Teatro Guaira, em Curitiba, e da Associação de Ballet do Rio de Janeiro. Ingressou no Theatro Municipal em 1981, onde também se estabeleceu como primeira bailarina, estrelando em repertórios como “Lago dos Cisnes”, “Coppélia”, “O Quebra Nozes”, “Giselle”, e muitos outros. Também foi diretora artística da instituição em 2015, em colaboração com a bailarina Cecília Kerche, aprimorando os repertórios de dança e do corpo de baile.

Nos palcos do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, Ana Botafogo fez a sua estreia como Primeira Bailarina em 1981, na versão brasileira de “Romeu e Julieta” de John Cranko.

Com mais de 40 anos de carreira, Ana criou produções próprias, dançou mais de cinquenta repertórios pelo mundo, foi premiada com diversos méritos nacional e internacionalmente, atuou em novelas, e já foi até Embaixadora da Cidade do Rio de Janeiro!



I - ANA BOTAFOGO EM “ROMEU E JULIETA”, 2002. (ACERVO CEDOC)

II - CAPA DO PROGRAMA DE ESTREIA DE ANA BOTAFOGO COMO PRIMEIRA BAILARINA DO THEATRO MUNICIPAL, “ROMEU E JULIETA”, VERSÃO DE JOHN CRANKO, 1981. (ACERVO CEDOC)



Pincel usado por Eliseu Visconti, século XIX-XX



MADEIRA; METAL; CERDA NATURAL
34 x 3 x 7 CM
ACERVO CEDOC/FTMRJ

**“... canta em mim, ó musa,
e, através de mim, conte a
história ...”**

Homero em “A Odisséia”, Livro I, capítulo I,
Século III a.C..

Eliseu Visconti, pintor, desenhista e designer ítalo-brasileiro, foi convidado para criar algumas das obras decorativas no interior do Theatro. O artista é autor das obras "A Influência das Artes Sobre a Civilização" (1908), pano de boca que se destaca como uma das maiores telas do mundo; "A Dança das Horas" (1908), pintura que adorna o lustre central da plateia, onde retrata personagens dançando em movimento eterno, representando o passar dos dias e das noites; e "As Nove Musas Recebem as Ondas Sonoras" (1936), arco produzido para o friso do Proscênio durante a reforma do Theatro Municipal de 1934.

O museólogo e crítico de arte Pedro Xexéo, ao analisar Eliseu d'Angelo Visconti, o identificava como legítimo introdutor do impressionismo no Brasil, tornando-se modelo para inúmeros artistas pré-modernistas brasileiros.

As obras de Visconti para o TMRJ se consagraram como narrativas visuais que enriquecem a própria experiência teatral dos espectadores que vêm ao Municipal para ver os espetáculos e se deparam com as musas que inspiraram essas criações.

Podemos imaginar que esses seres divinos, etéreas de beleza evocadas pelos mortais para guiá-los nas artes da dança, poesia, comédia, tragédia e música, posaram para o próprio Visconti que as pintou no templo que as abriga antes mesmo de sua criação oficial, o Theatro Municipal. E aqui elas permanecem.



I - VISCONTI PINTANDO O PANO DE BOCA PARA O THEATRO MUNICIPAL, "A INFLUÊNCIA DAS ARTES SOBRE A CIVILIZAÇÃO" EM SEU ATELIÊ EM NEULLY, PARIS, 1907. (ACERVO CEDOC)

II - VISCONTI NA OCASIÃO DA SUBSTITUIÇÃO DO FRISO SOBRE O ARCO DO PROSCÊNIO, THEATRO MUNICIPAL, 1934. (ACERVO CEDOC)

Grampo de cabelo “Madama Butterfly”, utilizado em cena por Violeta Coelho Netto de Freitas, 1952



METAL, FIO DE SEDA, FIO METÁLICO E PAPEL
25 x 9 x 5,4 CM
ACERVO CEDOC/FTMRJ

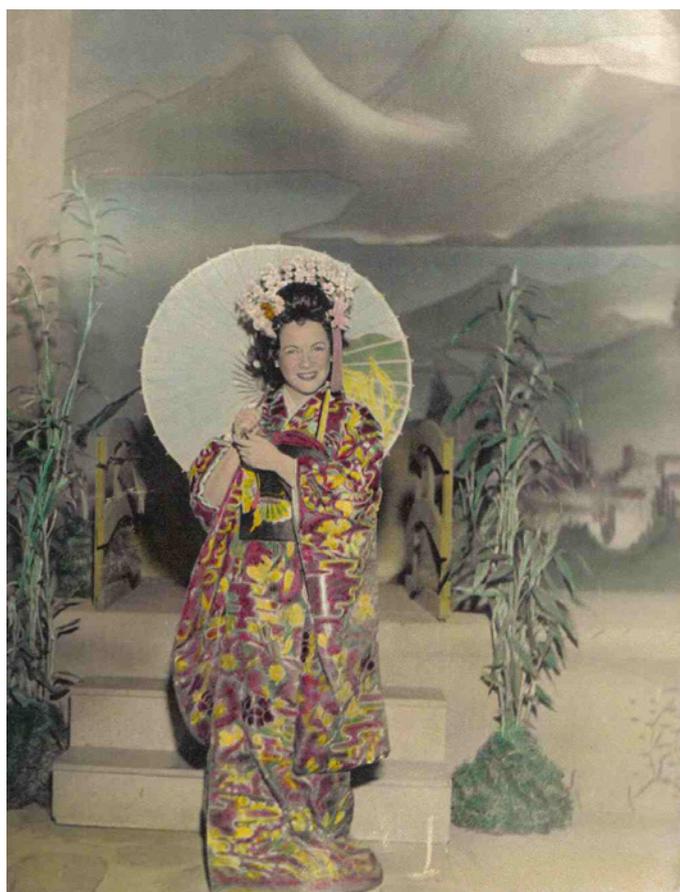
“... che dirà? che dirà? Chiamerà Butterfly dalla lontana ...”

Trecho “Un bel dí vedremo”, Ato II de Madama Butterfly, de Giacomo Puccini, 1904.

Madama Butterfly foi a ópera que marcou, de forma definitiva, a trajetória da cantora lírica Violeta Coelho Netto de Freitas, nacional e internacionalmente, ainda na década de 1940. Considerada a melhor intérprete de Cio-Cio-San, Violeta a interpretou mais de 200 vezes. Violeta nasceu em julho de 1909, no cenário da criação do Theatro Municipal, palco onde tem relação desde muito pequena. Aos quatro anos de idade, interpretou o cupido em “Pavillon D’Armide”, encenado pela companhia de Sergei Diaghilev.

Considerada uma das óperas mais emblemáticas de Giacomo Puccini, “Madama Butterfly” recebeu o título que deriva da sua protagonista, Cio-Cio-San, uma jovem japonesa que adota o nome Butterfly ao se casar com um oficial naval norte-americano. A borboleta na obra de Puccini consegue refletir a frágil transformação cultural e emocional da protagonista, compreendendo a dimensão dramática e efêmera dada à personagem.

Neste ano de 2024, celebramos o centenário da morte de Puccini, mestre que dominou o drama na ópera italiana. Seu estilo de escrita é marcado por melodias emocionalmente carregadas, além de harmonias complexas. Através da música de Puccini, podemos ser conduzidos pela jornada emocional de Butterfly, que sacrifica tudo em nome de seu amor não correspondido.



I - VIOLETA COELHO NETTO DE FREITAS NO CENÁRIO DE MADAMA BUTTERFLY, 1952. (ACERVO CEDOC)

II - FOTOGRAFIA DEDICADA AO MUSEU DO THEATRO MUNICIPAL, AUTOGRAFADA POR VIOLETA COELHO NETTO DE FREITAS, 15 DE OUTUBRO DE 1952. (ACERVO CEDOC)

Ingresso da Temporada do Cinquentenário, 1959



PAPEL; IMPRESSÃO

8,9 x 13,3 cm

ACERVO CEDOC/FTMRJ

No 50º aniversário do Theatro Municipal, os espetáculos de ópera da Temporada do Cinquentenário, ocorridos de março a abril de 1959, com 9 récitas noturnas, foram marcados por produções renomadas e grandes personalidades da cena lírica. A estreia aconteceu com a ópera "Maria Tudor", de Carlos Gomes, com a soprano Irmgard Müller Bianca no papel principal.

A temporada destacou-se pelo repertório de obras brasileiras, como "Izaht", ópera de Villa-Lobos, que tiveram as sopranos Maria Sá Earp e Aracy Bellas Campos dividindo palco, e "Pedro Malazarte", do compositor brasileiro Camargo Guarnieri, que teve em palco a presença dos tenores Assis Pacheco, Alfredo Colosimo e Paulo Fortes.

Ainda na temporada artística de 1959, é apresentada ao público, pela primeira vez, a montagem de Eugenia Feodorova para "O Lago dos Cisnes", considerada a primeira montagem completa do ballet, não apenas no TMRJ, como também na América Latina. No papel de Odette e Odile, Bertha Rosanova cintilou os palcos do TMRJ brilhando junto a Aldo Lotufo, que interpretou o Príncipe Siegfried.

TEMPORADA DO CINQUENTENÁRIO		
I		
Quadro Brasileiro de Ópera e Bailado		
ESPECTÁCULO	DIA	HORA
MARIA TUDOR, de Carlos Gomes	31 de março	20,30
	1 de abril	19,30
M. COQ D'OR, de Renato Krieger	4 de abril	21,00
	5 de abril	16,00
IL CONSOLE, de Gian Carlo Menotti	10 de abril	21,00
	12 de abril	16,00
L'ENFANT PRODIGE, de Lindberg	17 de abril	20,45
PEDRO MALAZARTE, de C. Guarnieri	17 de abril	16,00
AMELIA AL BALLO, de C. C. Mascetti	19 de abril	16,00
L'HEURE ESPAGNOLE, de Bizet	24 de abril	21,00
IL CAMPANELLO, de Donizetti	26 de abril	16,00
COSSÌ FAN TUTTI, de Mascagni	30 de abril	21,00
	3 de maio	16,00
LA BOHEME, de Puccini	6 de maio	21,00
	10 de maio	16,00
I PESCATORI DI PIRMA, de Bizet	15 de maio	21,00
	17 de maio	16,00
IZAHT, de H. Villa-Lobos	22 de maio	20,30
	24 de maio	19,30
LO SCHIAVO, de Carlos Gomes	27 de maio	20,30
	31 de maio	16,00



I - PROGRAMA DA TEMPORADA DO CINQUENTENÁRIO, QUADRO DE ÓPERA E BAILADOS, 1959. (ACERVO CEDOC)

II - MAESTRO NINO STINCO, GLORIA QUEIROZ, PAULO FORTES E ASSIS PACHECO NA ÓPERA "PEDRO MALAZARTE", TEMPORADA DO CINQUENTENÁRIO, 1959 (ACERVO CEDOC)

III - ARACY BELLAS CAMPOS NA ÓPERA "IZAHT". TEMPORADA DO CINQUENTENÁRIO, 1959 (ACERVO CEDOC).

Espada usada por Paulo Autran em “Coriolano”, 1973



METAL; COURO

71,3 x 5 CM

ACERVO CEDOC/FTMRJ

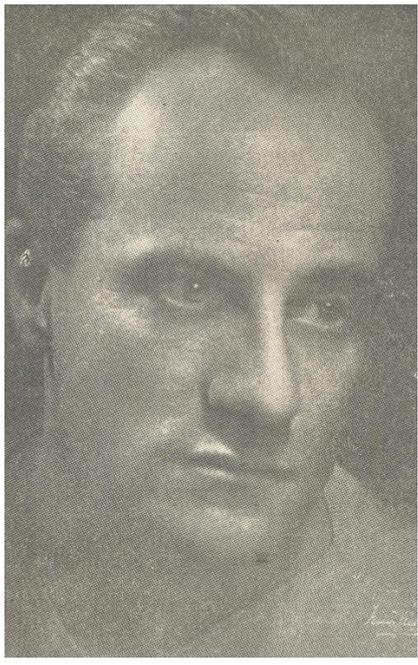
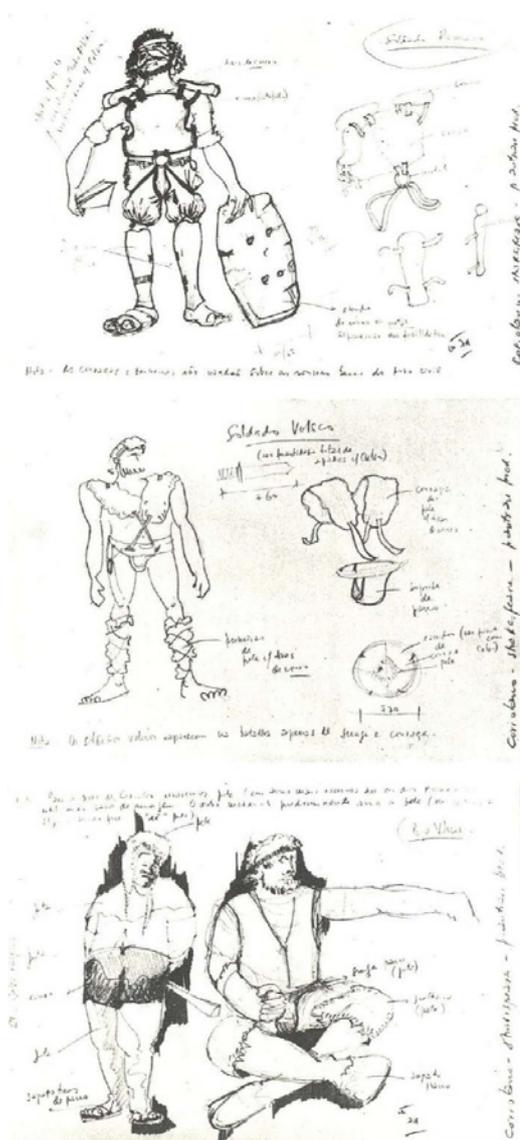
“... Se a nobreza pusesse a compaixão de lado e deixasse que eu usasse a minha espada, faria pedaços essa corja! ...”

Fala de Paulo Autran - Trecho de “Coriolano”, de William Shakespeare, 1608.

Paulo Paquet Autran, mestre do teatro brasileiro, subiu aos palcos do Theatro Municipal em 1973 para interpretar o general romano Caio Márcio Coriolano, protagonista da peça “Coriolano”, tragédia de William Shakespeare. A adaptação foi dirigida por Celso Nunes e representa um marco na carreira de Autran e no panorama teatral brasileiro ao trazer uma das tragédias shakespearianas mais poderosas para o público brasileiro. Sua interpretação capturou não apenas a força física e a determinação de Coriolano, mas também explorou as profundezas de sua psique, incluindo seu orgulho obstinado e seu conflito interno entre lealdade militar e dever político.

Autran iniciou sua trajetória teatral nos anos 1940 e se tornou um dos pilares do Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), importante grupo que revolucionou a cena teatral brasileira. Sua atuação foi marcada por uma versatilidade impressionante, interpretando desde dramas intensos até comédias satíricas com a mesma maestria. Além de sua presença marcante nos palcos, Paulo Autran também foi um defensor incansável do teatro como forma de arte essencial para a sociedade brasileira.

Em 18 de julho de 2011, o ator Paulo Autran, falecido em 2007, foi oficialmente declarado o patrono do teatro brasileiro. Homenagem, determinada pela Lei 12.449/11, sancionada pela presidente Dilma Rousseff.



I - ESTUDOS DE FIGURINO E PROGRAMA DO ESPETÁCULO CORIOLANO, DIR. CELSO NUNES, 1974, TMRJ. (ACERVO CEDOC)
II - FOTOGRAFIA DE PAULO AUTRAN, EM PROGRAMA DE APRESENTAÇÃO DA COMPANHIA TONIA-CELI-AUTRAN EM “OTELO”. DÉCADA DE 60. (ACERVO CEDOC)

Sombrinha usada por Eros Volússia, década de 1950



MADEIRA; CETIM; METAL
46 x 27 CM
ACERVO CEDOC/FTMRJ

**“.. é a dança mais emoção
que movimento ...”**

Eros Volusia na conferência “A criação
do bailado nacional”, realizada no Te-
atro Ginástico, 1939.

Eros Volússia, sendo filha de dois poetas, muito provavelmente não seguiria uma carreira diferente da artística. O caminho dela foi brilhar nos palcos e nas câmeras, onde atuou, dançou, e trouxe uma nova perspectiva da arte moderna brasileira.

Em seu livro “Eu e a dança”, conta que quando criança, gostava de fugir para o terreiro perto de sua casa para dançar. Aos 14, tem seu primeiro contato com o Theatro Municipal, onde começou o curso de bailado sob a orientação de Maria Olenewa. Em 1929, se apresentou pela primeira vez no nosso palco, quando ousou ser a bailarina que dança descalça, ou que outrora sambou de sapatilhas de ponta. Eros foi pioneira na mesclagem da dança clássica com a popular, incorporando elementos regionais e folclóricos brasileiros como o maxixe, o maracatu, o frevo e as danças de terreiro.

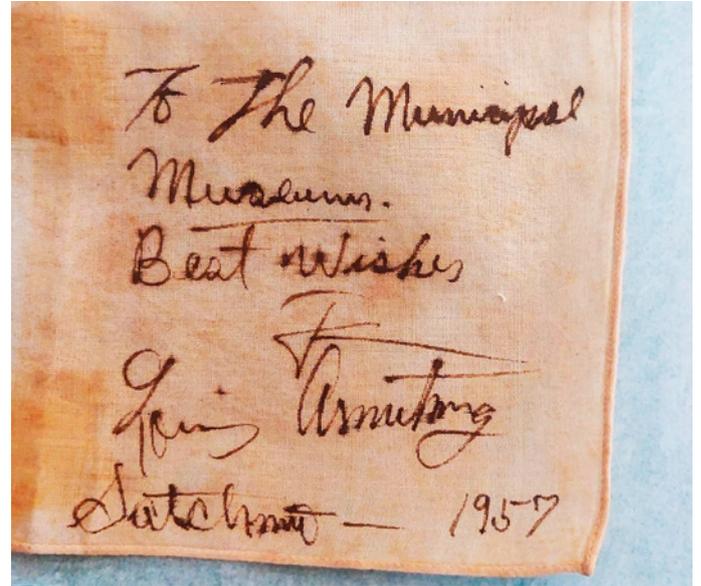
Volússia desempenhou um papel significativo como "dançarino-pesquisador", um termo usado para os profissionais que, para além da dança como técnica e prática, também investiga os aspectos teóricos, histórico-sociais e culturais da dança. Numa época em que o Brasil do início do século XX passava por profundas mudanças, como o movimento modernista, seu papel contribuiu em muito ao trazer outras perspectivas da arte, que lutava para romper com o eurocentrismo.

A presença de Volússia, de enorme impacto na dança brasileira, é lembrada na mostra através de sua sombrinha, uma das marcas registradas em seus figurinos. Amplamente utilizada nas danças de frevo, Volússia tinha o costume de adotar sombrinhas com pendentes nas pontas. Essa escolha não apenas complementava o balanço de seus movimentos, mas também se integrava às pulseiras que produziam sons característicos enquanto ela dançava.



FOTOGRAFIAS DE EROS VOLÚSSIA COM SUA COLEÇÃO PESSOAL DE FIGURINOS PARA “BAILADO BRASILEIRO”, DÉCADA DE 1940. (ACERVO CEDOC)

Lenço usado por Louis Armstrong, c. 1957



ALGODÃO; CANETA HIDROGRÁFICA
45,5 x 43,8 CM
ACERVO CEDOC/FTMRJ

“... and I think to myself: what a wonderful world ...”

Trecho de “What a Wonderful World”, canção de Bob Thiele e George David Weiss, lançada por Armstrong em 1967.

Louis Armstrong foi cantor, saxofonista e trompetista, aspiração para quem nasceu no berço do Jazz, em Nova Orleans. Lançou versões geniais de “What a Wonderful World” e “La vie en Rose”.

Esteve no Rio de Janeiro em 1957, foi recebido por milhares de fãs, e pelo então presidente Juscelino Kubitschek. Bateu um papo com nossos mestres Pixinguinha, Elizeth Cardoso e Dorival Caymmi.

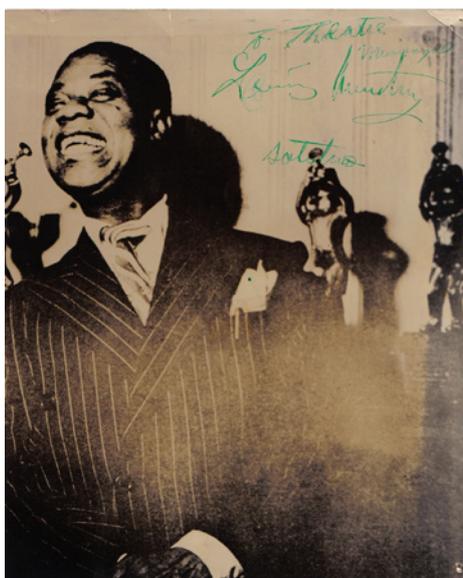
Se apresentou no Maracanã, no Country Club e aqui no Theatro Municipal, onde fez cinco apresentações e nos deixou um lenço autografado para integrar ao acervo: “Ao Museu do Municipal, felicidades. Louis Armstrong, Satchmo, 1957”. Uma curiosidade dessa inscrição é que um de seus apelidos era Satchmo.

REPERTÓRIO DE
LOUIS ARMSTRONG

Nota: Vale como curiosidade a transcrição da nota que precede as audições de Armstrong e que é esta:

“Devido às frequentes improvisações, este programa não deve ser tomado em seu sentido formal. É provável, contudo, que sejam executados os seguintes números”:

LOUIS ARMSTRONG	Mahogany Hall Stomp
Indiana	Don't Fence Me In
High Society	Wiffenpoof Song
Big Butter and Egg Man	Confessin'
Struttin With Some Barbecue	Back O'Town Blues
St. Louis Blues	I Can't Give You Anything But Love
Ain't Misbehavin'	Mop Mop
Rockin' Chair	Twelfth Street Rag
St. James Infirmary Blues	Mukrat Ramble
Do You Know What it Means to Miss	Pretty Little Missy
New Orleans?	Rhuberry Hill
The Faithful Hussar	Some Day You'll Be Sorry
Sleepy Time Down South	Besin Street Blues
Kiss to Build a Dream On	Perdido
Ko-Ko-Mo	Six Foot Four
Baby It's Cold Outside	Tin Roof Blues
Undecided	Margie
Mack The Knife	Coronet Chop Suey
Saints Go Marching In	Shadrack
The Gypsy	Bye and Bye



REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL 5443
Modélio S. C. 139

FICHA CONSULAR DE QUALIFICAÇÃO

Esta ficha, expedida em duas vias, será entregue à Polícia Marítima e a Imigração no pôrto de destino

Nome por extenso Louis Armstrong

Admitido em território nacional em carácter **TEMPORÁRIO**

Nos termos do art. 7 letra a do Dec. Lei 7967 de 18-9-45

Lugar e data de nascimento N. Orleans, 4.7.1900

Nacionalidade n. americana Estado civil casado

Filiação (nome do Pai e da Mãe) Daniel e Maria

Profissão músico

Residência no país de origem Hotel Plaza, nesta

NOME	IDADE	SEXO

FILHOS MENORES DE 18 ANOS

Passaporte n. 209846 expedido Dept. Est. Washington na data 14.12.1956

visado sob. n. 11121 Aut. p. teleg. nº56 de 9.11.1957

Assinatura do portador: *[Signature]*

Consulao Geral do Brasil em Buenos Aires, **12 NOV 1957**

OSWALDO BIATO
VICE-CONSUL

NOTA - Esta ficha deve ser preenchida á máquina pela autoridade consular, sendo as duas vias em original.

I - PROGRAMA COM REPERTÓRIO DA APRESENTAÇÃO DE LOUIS ARMSTRONG NO TMRJ. (ACERVO CEDOC)

II - FOTOGRAFIA DE LOUIS ARMSTRONG AUTOGRAFADA PARA O THEATRO MUNICIPAL, 1957. (ACERVO CEDOC)

III - FICHA CONSULAR DE LOUIS ARMSTRONG EMITIDA PELO CONSULADO GERAL DO BRASIL EM BUENOS AIRES, ARGENTINA, NOVEMBRO DE 1957. (ACERVO ARQUIVO NACIONAL)

Adereço usado por Mercedes Baptista, 1963



ALGODÃO; POLIÉSTER; RESINA; GORGORÃO
24,3 x 59 cm
ACERVO CEDOC/FTMRJ



“Eu inventei, ouvindo o ritmo dos orixás e os movimentos do candomblé, que mal frequentava mas passei a pesquisar”

Fala de Mercedes Baptista ao Jornal do Brasil (22/05/94) sobre a criação da dança afro-brasileira.

Chegar aos palcos do Theatro Municipal do Rio de Janeiro e tornar-se a primeira bailarina negra a integrar o Corpo de Baile não foi tarefa simples para Mercedes Baptista. Nascida em Campos dos Goytacazes em 1921, era filha de uma empregada doméstica, Maria Ignacia. Desde criança tinha como desejo e expectativa de vida ser famosa. Com apoio de sua mãe, mudaram-se para a capital do Rio de Janeiro e tentaram por melhoria de vida. Maria Ignacia se empregou em casa de família para garantir teto e comida para ela e sua filha, enquanto Mercedes buscava oportunidades no meio artístico.

Em 1945, no Serviço Nacional do Teatro dirigido pela bailarina Eros Volusia, foi quando Mercedes Baptista teve seu primeiro contato com a dança. Um ano depois, ingressou na Escola de Danças Clássicas do Theatro Municipal sendo aluna de Yuco Lindberg. Em 1948 foi aprovada no concurso interno para ingresso no corpo de baile, porém nunca foi escalada para dançar em repertório de ballets clássicos, somente em espetáculos de dança moderna e ballets com temas brasileiros, e alguns papéis em óperas.

A bailarina teve grande destaque também na circulação em meio nacional da dança afro-brasileira, incluindo no carnaval. Em sua companhia de danças folclóricas, nomeada de Ballet Folclórico Mercedes Baptista, teve alta projeção sobretudo nas décadas de 1950 e 1960, sendo a primeira companhia de dança da cidade a levar para a cena elementos da cultura negra pensada e dançada por artistas negros.

Apresentando-se no TMRJ em 1963, o Ballet Folclórico Mercedes Baptista fez história ao levar aos palcos do maior teatro do Rio de Janeiro coreografias inspiradas nos ritmos e danças afro-brasileiras, exaltando orixás e entidades do Candomblé. O adereço utilizado pela bailarina, em destaque na mostra, fez parte da apresentação coreográfica de “Congo”, em repertório no espetáculo.



I - MERCEDES BAPTISTA, ENSAIO DO BALLEFOLCLÓRICO NO TMRJ, 1963. (ACERVO CEDOC)

II - BALLEFOLCLÓRICO NO TMRJ, 1963. (ACERVO CEDOC)

Pente espanhol usado por Bidu Sayão em “Barbeiro de Sevilha”, *c. 1926*



CASCO DE TARTARUGA
29,5 x 18,4 CM
ACERVO CEDOC/FTMRJ

“Neste palco surge ela, Bidú Sayão, sacudindo a passarela, quanta emoção”

Trecho do samba-enredo “Bidu Sayão e o Canto de Cristal” (1995) pela G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis (RJ). O enredo, idealizado pelo carnavalesco Milton Cunha, homenageava a cantora.

Conhecida pela imprensa nacional à sua época como “Rouxinol Brasileiro”, Balduína de Oliveira Sayão (1902 - 1999), cujo apelido Bidu Sayão, foi uma das maiores cantoras líricas de todos os tempos, com uma trajetória lírica ininterrupta de trinta anos. A soprano nascida no Rio de Janeiro iniciou os estudos vocais aos 13 anos, tendo concluído com êxito o curso de canto e declamação lírica em 1924.

Na companhia de Alberto Costa, foi recebida pela Rainha Maria, da Romênia, e, por solicitação soberana, apresentou-se numa récita de gala no Palácio Real de Bucareste em homenagem ao Príncipe Hirohito, futuro Imperador do Japão.

Na mostra, ganha destaque pelo adereço de cabeça usado na estreia mundial de Bidu Sayão no Teatro Costanzi, Roma - Itália, em 1926, no papel de Rosina em “Barbeiro de Sevilha”. Nesta estreia, a cantora tinha apenas 24 anos. Em julho de 1926, ela se apresenta nos palcos do TMRJ com a mesma obra de Rossini, ao lado de Dino Borgioli e Carlo Galeffi.



I - FOTOGRAFIA ASSINADA DE BIDU SAYÃO CARACTERIZADA DE ROSINA EM “O BARBEIRO DE SEVILHA”, COM DEDICATÓRIA PARA VIOLETA COELHO NETTO DE FREITAS, 1926. (ACERVO CEDOC)

II - RECORTE DO PROGRAMA DE “O BARBEIRO DE SEVILHA”, TEMPORADA LÍRICA DE 1926. (ACERVO CEDOC)

Moringa, 2009



“... quando tivermos uma crítica especializada em arquitetura, fotografia ou desenho industrial, certamente a contribuição de Visconti como um pioneiro do design será destacada e retomadas algumas questões colocadas por Gonzaga Duque, Frederico Barata e Flávio Mota..”

Frederico Morais em “Aspectos da Arte Brasileira – Edição FUNARTE – Rio de Janeiro – 1980”.

CERÂMICA; ARGILA; PINTURA ESMALTADA

25 x 16 x 52 CM

ACERVO CEDOC/FTMRJ

Símbolos da história do Theatro Municipal, as moringas hoje contidas no acervo do CEDOC são reproduções feitas em 2009 pelo Projeto Eliseu Visconti e a Holos Consultores Associados. Em comemoração ao centenário do Theatro Municipal, as 200 moringas confeccionadas são réplicas das moringas originais projetadas por Eliseu Visconti para a inauguração do Theatro Municipal.

O conjunto original foi colocado nas frisas e camarotes na noite de abertura da casa, em 1909, e levado como brinde pelo público ocupante ao fim do espetáculo. Não se sabe ao certo o número de moringas produzidas originalmente, nem quantas hoje, decorridos mais de cem anos de sua produção, encontram-se intactas.

Para as novas produções, as réplicas, além de serem identificadas, numeradas e datadas em base, foram confeccionadas em cores que as diferenciam das cores das moringas originais.



I - MORINGA ORIGINAL EXECUTADA PARA A INAUGURAÇÃO DO THEATRO MUNICIPAL - COLEÇÃO PARTICULAR. (PROJETO ELISEU VISCONTI)

Partitura “O Sargento de Milícias”, 1978

FRANCISCO MIGNONE
(1978) E.M.G.-2

O SARGENTO DE MILÍCIAS

Ópera-cômica ou comédia musicada
em um prólogo e três quadros.

LIBRETO INSPIRADO NO ROMANCE DE MANUEL ANTÔNIO
DE ALMEIDA, - MEMÓRIAS DE UM SARGENTO DE MILÍCIAS -
Tipos, ambiente, costumes, cenário e guarda-
-roupa tomados das e às aquarelas de
Jean-Baptiste Debret.

LIBRETO DE
MELLO NÓBREGA

PRÓLOGO E.M.G.-2

No Rio de Janeiro, no tempo do Rei. No Largo do
Paço, à entrada do Arco do Teles, visto em diagonal,
para permitir que o cenário abranja um pedaço do
cais com o chaferiz mandado construir por D. Maria

1.ª. À direita, a bodega do francês Philippe,
lâmpião de azeite de baleia, pendurado à entrada.
Passam, de quando em quando, escravos a carregar
balaios e caixotes. Uma serpentina, lontanamente,
atravessa a cena, ao fundo, tirada por dois negros
de calças listradas, bustos nus e chapeiros de palha
de largas abas. - Duas baianas, sentadas em mochos
diante dos seus tabuleiros cobertos com toalhas de
crivo. Desfilam casais. Três escravos, acocorados,
conversam. O BOTA-BICAS, tipo popular, a um canto,
coça-se e estende seu caneco de folha, pedindo
esmolas aos transeuntes. Ao itardecer.

a ópera acabou
e agora...
agora te quero dramaticar!

Mignone
Rio 2-3-1978

“... o compositor erudito que não faz isso se encerra numa torre de marfim. A música que não tem comunicabilidade é para ser engavetada ...”

Francisco Mignone, em 1981, falando sobre sua relação com a música popular.

Considerada a última ópera escrita por Francisco Mignone, “O Sargento de Milícias”, foi inspirada na obra literária de Manuel Antônio de Almeida, e estreou no Theatro Municipal do Rio de Janeiro em 1978. A comédia musicada em um prólogo e três quadros contou com o elenco principal composto por Zaccaria Marques, Ruth Staerke, Glória Queirós, Paulo Fortes, José Roque, e com a participação especial de Diva Pieranti.

Regido por Mário Tavares e com participação da OSTM, a orquestração faz uso de instrumentos diversos como violas, trombone, tuba, harpa, teclado e xilofone vibrafone.

A partitura original em redução para piano e voz sob guarda hoje do Arquivo Musical do TMRJ é o único exemplar existente.

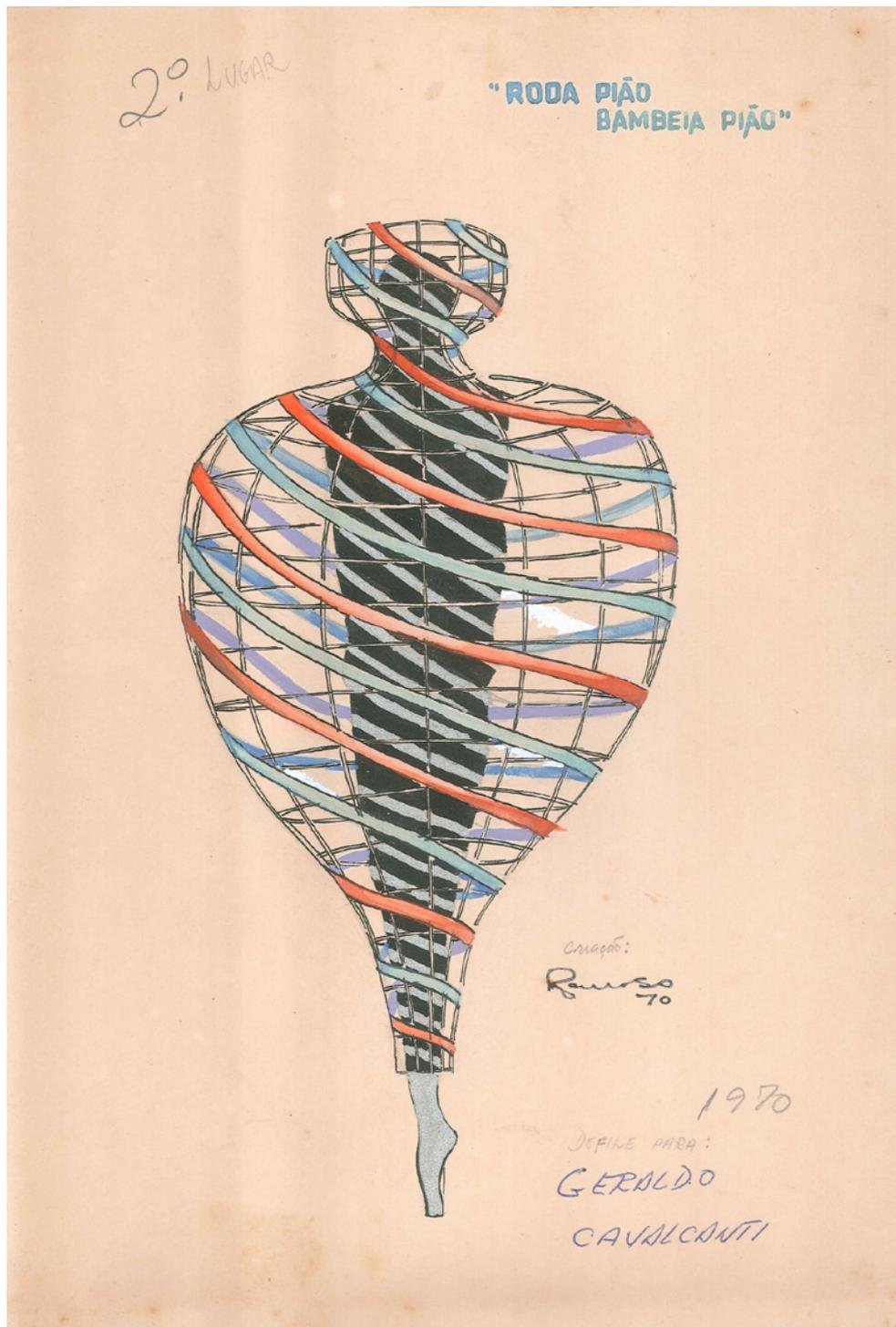


I - ENSAIO DO ELENCO DE “O SARGENTO DE MILÍCIAS”, COM O DIRETOR GIANNI RATTO E OS MAESTROS MÁRIO TAVARES (REGENTE) E MANUEL CELLARIO AO PIANO, 1978. (ACERVO CEDOC)

II - CENA DE APRESENTAÇÃO DA ÓPERA “O SARGENTO DE MILÍCIAS” NO PALCO DO TMRJ, 1978. (ACERVO CEDOC)

... e tudo termina em Carnaval ...

Desenho de fantasia para Baile de Carnaval, 1970



“... jamais pensei que tanta gente pudesse ficar tão alegre em um lugar tão pequeno!”

Getúlio Vargas sobre o Baile de Gala do Municipal, em 1951, durante a primeira visita de um presidente da República ao evento.

PAPÉL; NANQUIM; GUACHE; AQUARELA

32,5 x 21,9 cm

ACERVO CEDOC/FTMRJ

Ah! O carnaval do Theatro Municipal... quanta história! Em um contexto histórico, a Era Vargas alavancou a projeção do país em nível internacional com essa história de carnaval do Theatro Municipal, apelidado como “O maior espetáculo da Terra” pela grande imprensa... Tendo início em 1932, os Bailes de Gala Carnavalescos iam de madrugada afora, com direito a superlotação da casa e muita sofisticação, voltado para a “alta sociedade” da época e sobretudo refletido em aspectos dos carnavais europeus.

Assim, a cada ano era escolhido um tema para o baile: alegorias mitológicas, literárias, animais e das artes plásticas - expressa nas luxuosas decorações dos salões e no uso das fantasias. As decorações competiam a melhor design, trazendo grandes artistas como Gilberto Trompowsky, Fernando Valentim, Mario Conde, Euclides Fonseca, Burle Marx, dentre outros. As fantasias também eram o ponto alto dos bailes e não ficavam fora das competições: atraindo os renomes da moda e do design, tivemos a participação de artistas brilhantes como Clóvis Bornay, Evandro de Castro Lima, Rosa Magalhães, Mauro Rosas, dentre outros. O Carnaval finalmente começava a sair dos restritos salões para então tomar outras formas nos blocos de rua e nos crescentes desfiles das escolas de samba. Ao decorrer das décadas, entre tentativas de proibição sem sucesso, as folias do Municipal chegam ao fim em 1975, já em um contexto político-social mais conservador. Além disso, os bailes danificavam significativamente o interior do Theatro, que já tombado à época.

O item escolhido para a exposição se trata de um desenho para o concurso do baile de 1970, que tinha como tema “Gala Policromática”. A fantasia, intitulada de “Roda Pião, Bameia Pião”, foi premiada em 2º lugar, desfilada pelo bailarino Geraldo Cavalcanti, que calçou sapatilhas de ponta para fazer o peão rodopiar.



M E N U	
MELON GLACÉ AU VIN VIEUX DU PORTO	
VOL. AU VENT, ÓPERA	
COEUR DE CHAROLAIS, FOU DU ROI	
SURPRISE COLOMBO	
CHAMPAGNE FRANCÉS: Pommery, Brut 1953 Drapeau Sec Carte Blanche Perrier-Jouët, Brut 1952	Cr\$ 2200,00
CHAMPAGNE NACIONAL: Georges Aubert, Brut Séco Meio-Doce Dreher, Meio-Doce	Cr\$ 500,00
WHISKY LITRO: Johnnie Walker, Red Label John Haig's Highland Queen Grant's	Cr\$ 2600,00
WHISKY DOSE:	Cr\$ 180,00
EUAUX MINÉRALES: São Lourenço Cambuquira	Cr\$ 30,00

Serviço da CONFEITARIA COLOMBO
29 de Fevereiro de 1960

I - BAILE DE GALA DE CARNAVAL DO THEATRO MUNICIPAL/RJ, DE 1941. TEMA “UMA NOITE ANDALUZA”, ARTISTICAMENTE DECORADO POR GILBERTO TROMPOWSKY E FERNANDO VALENTIM, GANHADORES DO CONCURSO DESTES ANO. (ACERVO CEDOC)

II - MENU DO BAILE DE GALA DE CARNAVAL DO THEATRO MUNICIPAL/RJ, DE 1960. “SERVIÇO DA CONFEITARIA COLOMBO”. (ACERVO CEDOC)

ANIVERSÁRIO

115 anos

Theatro Municipal
de portas abertas

Exposição Theatro Municipal do Rio de Janeiro: 115 anos em 15 objetos

Ficha Técnica

Governo do Estado do Rio de Janeiro

Cláudio Bonfim Castro e Silva

Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Rio de Janeiro

Danielle Christian Barros

Fundação Theatro Municipal do Rio de Janeiro

PRESIDENTE

Clara Paulino

VICE-PRESIDENTE

Maria Thereza Ribeiro Fortes

DIRETOR ARTÍSTICO

Eric Herrero

CHEFE DE GABINETE

Bárbara Ottero

CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO (CEDOC)

Coordenação

Raquel Villagrán

Assistentes de Acervo e Documentação

Bárbara Xavier

Carolina Oliveira

Joice Amorim de Oliveira

Estagiárias

Vitória Chaves

Bárbara de Araujo

Curadoria e Texto

Bárbara Xavier

Carolina Oliveira

Joice Amorim de Oliveira

Raquel Villagrán

Pesquisa e Montagem

Equipe CEDOC

Projeto Gráfico e Diagramação

Gabriela Zava

Rodrigo Cordeiro